

O DIÁRIO DE CAMPO NO PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM SERVIÇO SOCIAL: OBJETIVOS E CONTRIBUIÇÕES

Cristina Kologesi Fraga¹
Fabio Jardel Gaviraghi²
Caroline Goerck³

Considerações introdutórias

Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola ou na igreja, a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração. Sábios doutores de Ética e Moral serão os pescadores das costas colombianas, que inventaram a palavra sentipensador para definir a linguagem que diz a verdade (GALEANO, 1991, p. 119).

¹Assistente Social, Mestre e Doutora em Serviço Social (PUCRS). Professora Adjunta do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Líder do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Violência e Serviço Social - NEPEVIS. Endereço: Rua: Marquês do Herval, 102/401/Bairro: Nossa Senhora de Lourdes/ Santa Maria-RS/Brasil. CEP: 97060-430. Telefone: (55) 3219-2026; celular: (55) 9159-7339. E-mail: ckfraga@hotmail.com.

² Assistente Social (Unijuí), Mestre em Serviço Social (PUCRS) e Doutorando em Educação nas Ciências (Unijuí). Professor Assistente do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: fabiogaviraghi@yahoo.com.br.

³ Assistente Social (Unisc), Mestre, Doutora e Pós-doutora em Serviço Social (PUCRS). Professora Adjunta do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Líder do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Políticas Sociais, Trabalho e Questão Social. E-mail: carolinegoerck@yahoo.com.br.

Como assistentes sociais trabalhando com formação profissional desde a criação da primeira escola de Serviço Social pública no Rio Grande do Sul – que integra a proposta de expansão do ensino superior público⁴ no Brasil por meio da Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – Reuni, temos nos deparado com vários desafios atrelados à docência. Dentre esses, talvez um dos que mais têm nos chamado a atenção diz respeito às dificuldades de o estudante ler os textos acadêmicos propostos e, posteriormente, escrever, ambos fundamentais à formação profissional, logo, ao trabalho de assistente social.

A justificativa para elaboração desse artigo reside nos dilemas e dificuldades advindas da nossa atividade prática docente na qual as fragilidades de leitura e interpretação de textos e dificuldades com a escrita têm sido a tônica de muitos debates e discussões em sala de aula. Mais sério ainda, a justificativa para trazer algumas sugestões sobre o diário de campo encontra motivação nas inúmeras dificuldades encontradas cotidianamente com os estudantes universitários que se ampliam com o passar dos anos na atividade docente.

Nesse sentido, um instrumento fundamental ao acadêmico de Serviço Social, principalmente aquele elaborado durante o período de estágio supervisionado em Serviço Social⁵, tem se destacado

⁴ Após setenta anos do primeiro curso de Serviço Social no Brasil e sessenta anos depois da criação da primeira escola de Serviço Social no Rio Grande do Sul – PUCRS –, destaca-se a implantação do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Pampa - Unipampa, primeira escola pública e gratuita em Serviço Social no referido Estado, no campus São Borja, no ano de 2006. A Unipampa é fruto do programa de expansão das Universidades Federais do Brasil, conforme Projeto de Lei n. 7204/2006. As vagas da Universidade Federal do Pampa foram criadas pelo governo federal para minimizar o processo de estagnação econômica da região – Fronteira Oeste do RS (FRAGA, KOCOUREK e GOERCK, 2007). Posteriormente, no primeiro semestre de 2010, o Governo Federal criou o curso na UFRGS e, em terceiro momento, o Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, no segundo semestre de 2010. Na UFSM, estamos inseridos atualmente com docentes e, a partir também dessa inserção, atuando na formação profissional em Serviço Social, que tecemos essas reflexões.

⁵ N. E. – O Estágio Supervisionado em Serviço Social configura-se a partir da inserção do acadêmico desse curso no espaço socioinstitucional em que existe assistente social devidamente inserido. É atividade educacional planejada, supervisionada por um docente do Curso de Serviço Social com formação nessa área e por um assistente social que acompanha e orienta o estagiário. Seu principal objetivo é proporcionar ao acadêmico o contato com o ambiente real de trabalho e com a prática do assistente social. O estágio em Serviço Social constitui atividade obrigatória do currículo pleno do curso de Bacharel em Serviço Social. Segundo Silva (1994), o estágio consiste num elemento metodológico de um processo contínuo e unitário da formação profissional.

nesse desafio cotidiano docente: diz respeito aos limites e dificuldades de o estudante redigir o diário de campo. Exatamente por isso, o presente artigo trata da importância do diário de campo na formação profissional do assistente social.

Para tanto, aborda a importância de estimularmos o gosto pela leitura e o prazer pela escrita no espaço acadêmico. Parafraseando Galeano (1991), precisamos resgatar uma escrita que junte os nossos pedacinhos, que nos ensine a *associar a alma do corpo e a razão do coração*, reinventar a palavra *sentipensador*, para definirmos uma linguagem acadêmica que nos objetive como seres humanos e nos devolva o encanto pelo ato de ler e de escrever.

Perrota (2004), no livro intitulado “Um texto para chamar de seu: preliminares sobre a produção do texto acadêmico”, inicia sua obra com a provocante epígrafe “Escreva o que você gostaria de ler”. Pensamos que essa pode ser uma primeira sugestão para elaboração do diário de campo, pois um texto em que nem mesmo seu autor tenha o prazer de ler, dificilmente irá encantar os demais leitores, já que sabemos que somos os nossos primeiros; portanto, indicamos, basicamente, tentar nos agradar como espectadores do nosso próprio texto. Dessa forma, na sequência, abordaremos a importância da leitura e dos fichamentos como passos iniciais à construção do texto acadêmico. No próximo item deste texto, iremos versar sobre a descoberta pelo encanto da escrita do diário de campo. Por fim, iremos realizar as considerações finais relativas ao tema abordado nesse artigo.

1. A importância da leitura na formação profissional em serviço social

Parece evidente que os estudantes de ensino superior já tenham vencido as barreiras da leitura e da escrita, já que são questões trabalhadas nos primeiros anos escolares. Isso também porque, de acordo com Santos (2007, p. 11): “Nível superior é superlativo, é o mais alto grau de formação em certa comunidade. E, pelo número ainda reduzido desse nível de instrução em nosso meio, constitui-se

de uma elite intelectual, convidada a ser um grupo de pensadores-profissionais”. O mesmo autor ainda questiona se os profissionais não puderem pensar a sua área, quem o fará?

Concordamos com o citado autor, pois, se os assistentes sociais não puderem pensar o Serviço Social, quem o fará? Contudo, continuando, o mesmo autor ainda traz uma constatação bastante preocupante quando refere: “Chegamos a desenvolver a triste figura do ‘analfabeto funcional’, o diplomado que desconhece a sua arte” (SANTOS, 2007, p. 12).

Em nossa experiência na docência, temos constatado, cada vez mais, que essa elite intelectual, assim denominada por Santos (2007), chega à Universidade com formações cada vez menos solidificadas. Ler e escrever, apesar de algo básico, supostamente trabalhado desde a mais tenra educação formal continua sendo um desafio a ser superado por muitos estudantes.

Partimos do pressuposto que ler e escrever fazem parte de uma mesma dinâmica, de um mesmo processo que se complementa. No entanto, para fins didáticos, iniciaremos pela leitura.

Freire (2011) destaca que é fundamental uma compreensão crítica do ato de ler. Para o autor, ler ultrapassa a decodificação pura da palavra ou da linguagem escrita. Nessa perspectiva, linguagem e realidade se conectam dinamicamente: “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 2011, p. 20).

O referido autor também critica a quantidade de leituras exigidas pelo professor sem o devido aprofundamento dos textos a serem compreendidos, sem, com isso, deixar de considerar a necessidade que temos de ler: “[...] de nos adentrarmos nos textos, de criar uma disciplina intelectual, sem a qual inviabilizamos a nossa prática como professores e estudantes”. (FREIRE, 2011, p. 27).

A experiência docente vem nos mostrando que, além de os estudantes universitários lerem pouco, quase sempre alegando de não terem tempo, quando leem, muitas vezes não entendem o que está escrito, por vezes distorcem a ideia central do texto. Oliveira (2010, p. 26-27), a partir de suas experiências em sala de aula,

afirma que: “[...] os estudantes de nível superior têm uma enorme dificuldade na leitura e interpretação de textos científicos e filosóficos”.

Mas como superar essas dificuldades? O que fazer para vencer esses obstáculos de leitura, uma vez que o Serviço Social é uma profissão construída pelo profissional que quer exercê-la e que para ser assistente social é necessário fazer um curso superior que exige uma carga considerável de leitura e escrita?

O Serviço Social como profissão constitui-se de uma especialização do trabalho coletivo, inscrita na divisão social e técnica do trabalho de nível superior, regulamentada no Brasil pela Lei nº 8.662/93, de 07 de junho de 1993.

A ABEPSS na proposta das Diretrizes Gerais para o Curso de Serviço Social (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL, 1996) postula como princípios da formação profissional, dentre outros, o estabelecimento das dimensões investigativa e interventiva como princípios formativos, que devem perpassar a formação profissional, e da relação teoria e realidade; ainda, indica a questão do caráter interdisciplinar nas várias dimensões do projeto de formação profissional do assistente social e assevera que a grade curricular do Curso deve possibilitar uma indissociabilidade nas dimensões de ensino, pesquisa e extensão. Ao ser aludido o conjunto de conhecimentos indissociáveis, que se traduzem em núcleos de fundamentação constitutivos da formação profissional, vale trazer a lume que o denominado Núcleo de Fundamentos do Trabalho Profissional sinaliza: “A postura investigativa é um suposto para a sistematização teórica e prática do exercício profissional, assim como para a definição de estratégias e o instrumental técnico que potencializam as formas de enfrentamento da desigualdade social” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL, 1996, p. 67). É apresentada a Pesquisa em Serviço Social como uma das matérias básicas do curso (FRAGA, 2010).

Na formação profissional em Serviço Social, devemos levar em conta, ainda, as três dimensões, quais sejam: técnico-operativa, que

diz respeito aos instrumentos necessários para aplicar o método, à articulação dos instrumentos de trabalho com as demais dimensões, bem como à busca pela garantia da qualificação técnica da ação profissional; dimensão teórico-metodológica, que está relacionada a todo o conhecimento, abrangendo tanto a teoria quanto os métodos necessários para a análise da sociedade, da profissão e das expressões da questão social que se apresentam no cotidiano de trabalho do assistente social; por fim, a dimensão ético-política que referencia a orientação social da profissão, baseando-se no projeto ético-político⁶ que visa à defesa intransigente dos direitos humanos e à busca de uma sociedade mais justa e igualitária (TURCK, 2007).

Em suma, trata-se de um direcionamento para uma formação profissional em que almejamos sujeitos críticos e comprometidos com a transformação da realidade social, na luta por uma sociedade mais justa e igualitária. Para tanto, é imprescindível sujeitos cultos e atentos ao movimento da sociedade. “Exige-se um profissional qualificado, que reforce e amplie a sua competência crítica; não só no executivo, mas que pensa, analisa, pesquisa e decifra a realidade” (IAMAMOTO, 1998, p.49).

Para que o profissional de Serviço Social seja qualificado, que tenha competência crítica para pensar, analisar, pesquisar e decifrar a realidade em que está inserido, conforme propõe Yamamoto, é fundamental que esteja informado, que saiba o que está acontecendo no contexto em que vive; portanto, é imprescindível que leia e que adquira o hábito da leitura. Uma forma interessante de adquirirmos o hábito da leitura consiste em começarmos por ler textos que nos instiguem de alguma forma. Nesse sentido, é pouco provável que consigamos ir adiante na leitura se, além de não termos o hábito, quisermos iniciar pelo que menos nos atrai.

Em nossas aulas, fazemos um exercício de indicar aos estudantes livros acessíveis que obviamente tenham a ver com a matéria trabalhada em aula; iniciamos, então, um processo de “planejamento do ato de ler” (Oliveira, 2010). Após a leitura do livro escolhido entre uma seleção, o estudante vai praticar o

⁶ O referido projeto tem por base a Lei de Regulamentação da Profissão, Código de Ética e as Diretrizes Curriculares da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS.

fichamento, outro mecanismo importante para o desenvolvimento da escrita, pois nesse exercício o universitário, além de anotar as principais ideias do autor lido, irá realizar suas próprias anotações, logo treinará a escrita.

Há relatos de muitos estudantes, na área de Serviço Social em estágios mais avançados do curso, os quais, inclusive, admitem que não leem livros inteiros; segundo eles, leem capítulos, partes de capítulos ou itens, e muitos deles sequer já leram um livro todo. Considerando a questão do fichamento⁷, temos uma parcela ainda mais densa que sequer sabe como proceder em relação a esse exercício. As consequências da ausência do hábito de leituras, fichamentos, estudos e reflexões durante a formação profissional acarretam, sobremaneira, dificuldades na escrita do texto acadêmico.

Prates (2013) observa que, como docentes, somos desafiados a contribuir na formação de trabalhadores polivalentes para enfrentar as exigências de um mercado de trabalho competitivo. Por outro lado, temos uma realidade de estudantes trabalhadores que chegam à universidade em condições cada vez mais precárias, assumindo muitas atividades ao mesmo tempo, com formações anteriores pouco sedimentadas. Mas, é preciso que se reconheça que hoje, salienta a mesma autora, os filhos de trabalhadores têm maiores possibilidades de acesso à Universidade.

Para superar tais dificuldades, indicamos aos estudantes que adquiram uma disciplina acadêmica, nos termos de Oliveira (2010), o que significa reservar um tempo durante o dia para leituras,

⁷ N. E. – Fichamento é um registro utilizado na elaboração de fichas de leitura em que constam informações relevantes sobre um texto lido. Para Marconi e Lakatos (2002), o fichamento de qualquer documento requer três etapas: redação da ficha, classificação das fichas e crítica documental e bibliográfica. Para registrar o material de um documento, as autoras recomendam que devam ser anotados os elementos essenciais (referências bibliográficas) que permitem a identificação das publicações. Na redação da ficha em si, no registro do seu conteúdo: “[...] o pesquisador deve anotar todos os elementos essenciais ao desenvolvimento do trabalho. São pontos básicos: selecionar o material e fazer as anotações completas, bem redigidas e fiéis ao original” (MARCONI; LAKATOS, 2002, p.76). Na classificação das fichas, as autoras sugerem a ordenação das mesmas, pois facilita o manuseio do fichário e o andamento do trabalho. Essa etapa, especificamente, julgamos ser desnecessária, pois orientamos nossos alunos a criarem pastas no computador para organizarem suas anotações digitadas, evitando o retrabalho dos manuscritos. Por fim, a crítica documental e bibliográfica é considerada, pelas referidas autoras, como essencial ao pesquisador.

estudos, reflexões e fichamentos. Obviamente que, nos dias atuais, principalmente com a questão de tempo de nossos acadêmicos cada vez mais reduzido, devido à realidade de estudantes trabalhadores, pais/mães chefes de família, os afazeres diários são inúmeros; por isso, sem uma disciplina acadêmica que designe um tempo para os estudos, a tendência é que os universitários compareçam às aulas, mas deixem de lado os estudos extraclasse, fundamentais para os estudantes do ensino superior.

Para exercitar a escrita, o fichamento pode ser um primeiro passo, uma vez que exige mais do que leitura, necessita de estudo. É interessante destacar, contudo, que deve ser explicitada a fonte da leitura, a referência bibliográfica completa e o contexto em que o texto foi escrito. Em outros termos, anotar os elementos essenciais que identificam uma obra: nome do(s) autor(es), título, edição, editora, local e ano de publicação. Para elaborar um fichamento que, nos dias atuais, indicamos que seja *on-line*, é interessante ao leitor não apenas uma leitura rasa, mas aprofundada do texto, estudar o mesmo. Para tanto, podemos iniciar por fazer uma primeira leitura, sem anotações. Na segunda leitura, agora mais detalhada, poderemos iniciar o registro das principais ideias. É preciso asseverar que compreendemos o que foi lido, visto que devemos evitar distorções das ideias do autor lido e, ainda, fazer anotações claras e concisas, pois isso irá facilitar nossos estudos posteriores.

O atual Código de Ética do Assistente Social prevê como um dos seus onze princípios fundamentais a questão do compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual⁸, na perspectiva de competência profissional o que remete ao desenvolvimento de uma atitude investigativa (FRAGA, 2010) por parte do profissional de Serviço Social e do estudante da área, o assistente social em formação. Ora, para desenvolvermos a atitude investigativa em nossos estudantes, é necessário ampliarmos o hábito da leitura para, posteriormente, descobrirmos o encanto pela escrita.

⁸ O que ensina a necessidade de uma formação profissional continuada no âmbito da categoria de assistentes sociais.

2. Despertando o encanto pela escrita do diário de campo

É na perspectiva de uma formação profissional em Serviço Social direcionada também para o lúdico que se alicerça a proposta do presente artigo; já que visa contribuir para desenvolver o prazer pela leitura e gosto pela escrita buscando na arte cinematográfica um importante instrumento pedagógico, a partir do qual processos sociais reflexivos podem ser mediados: “Logo, mediações que exercitem a sensibilidade e a criação podem propiciar o desenvolvimento de habilidades necessárias ao exercício de algumas atribuições ou competências que precisam ser solidificadas na formação” (PRATES, 2007, p. 223).

Dessa forma, os filmes não apenas informam como ainda são apropriados para nos tocar, nos aproximar, estimulando, assim, outras maneiras de lidarmos com nossas questões e conflitos. Sendo assim, a sugestão consiste no exercício de sensibilização pela escrita, através da realização de eventos socioeducativos e sessões de exibição de filmes, seguidas de debates sobre os temas relacionados às produções exibidas na medida em que despertem a discussão para a leitura e para escrita. Os filmes selecionados servem para mediar o norte do debate e discussão, pois tratam de temas relacionados aos interesses em abordar aspectos relacionados às fragilidades e possibilidades da leitura e escrita. Nessa direção salienta Prates (2013, p. 2): “Portanto, formar profissionais críticos pressupõe instigar o desenvolvimento não só da razão, mas também da sensibilidade”.

Tomaremos como exemplos dois filmes trabalhados em sala de aula que abordam escrita e leitura: *Encontrando Forrester*, do diretor Gus Van Sant, e *Escritores da Liberdade*, de Richard Lagravenese. Conforme Prates (2007), em se tratando de uma estratégia pedagógica, técnicas alternativas como a exibição de filmes podem se mostrar bastante efetivas na formação de estudantes, principalmente os de Serviço Social; uma das razões parece ser a ampliação da leitura de realidade por meio do lúdico, além da possibilidade de se tecerem reflexões e críticas, identificando

expressões da questão social ou contradições cotidianas, por exemplo, a inversão de valores imposta pela sociedade capitalista, os processos de discriminação e de violência e os sonhos e estratégias de resistência dos sujeitos sociais.

Além disso, ao observarmos atentamente os acadêmicos, percebemos que um número considerável desses sente dificuldade não só para ler e escrever, mas igualmente para pensar e criticar de modo livre e embasado em conhecimentos científicos. Desse modo, interpretam o mundo a partir do senso comum. Marques (2006), parafraseando Castro Alves, reitera que uma universidade se faz com homens e livros e acrescenta: fazendo livros, enfatizando a importância da escrita na universidade.

Além disso, não podemos deixar de mencionar a contribuição das mulheres nessa importante construção de fazer livros. Retomando o aspecto das limitações da escrita e as dificuldades com a leitura e interpretação do real, embora tal dificuldade em raciocinar criticamente tenha origens e fatores múltiplos e diversos, essas limitações e dificuldades promovem toda uma série de atitudes e posições preconceituosas e distorcidas da realidade, o que nos parece bastante preocupante, em se tratando principalmente de formação profissional.

Dessa forma, um diálogo aberto sobre algum tema, motivado por um filme educativo pode ser um ponto de partida para se reverem posições a respeito da leitura e se quebrar com a barreira da escrita bloqueada que, muitas vezes, até passa despercebida na academia. A exibição do filme mostra-se como uma estratégia pedagógica que possibilita um *lôcus* em que a arte seja entendida como um meio para compreender a realidade; por isso, não é um momento de entretenimento para os acadêmicos e, sim, uma possibilidade de ensino-aprendizagem com uma dimensão formativa.

Nessa perspectiva, podemos sinalizar que há vários motivos que nos levam a ver um filme em aula, como também são inúmeras as leituras que podemos fazer dele. Não obstante, quando se trata de o docente levar uma obra fílmica para dentro do espaço universitário,

é imprescindível ressaltar, segundo Pimentel (2011), a presença de uma responsabilidade vinculada a uma intencionalidade:

Quando falamos de responsabilidade e de intencionalidade educativas para exibição de um filme em sala de aula, nos referimos à importância de aprender a selecionar e analisá-lo para que não se perca essa condição que tem a obra filmica de também ser uma fonte de encontros com os mais distintos contextos, ser realista nos fatos que narra – sem ser realidade – e relacioná-los a processos e experiências humanas significativas (PIMENTEL, 2011, p. 85).

No que tange às técnicas cinematográficas, Pimentel (2011) alerta que não é suficiente que o educador veja e goste de um filme para exibi-lo em sala de aula, mas, sobretudo, o seu olhar mais revelador, perceptivo e crítico que vai além do explicitado que deve conduzir o educador a um critério menos simplista e mais lúdico e didático. Nos dois filmes apresentados na sequência, problematizamos a escrita.

O filme *Encontrando Forrester* retrata a história de um adolescente negro – Jamal –, morador do subúrbio de uma cidade norte-americana, que vê sua vida mudar ao conhecer um famoso escritor – William Forrester –, que está há muito tempo enclausurado em seu próprio mundo. Quando Jamal recebe um convite para estudar e jogar basquete em uma escola particular, vão aparecendo as dificuldades e os desafios de viver em uma sociedade preconceituosa.

O citado filme proporciona reflexões sobre a prática educacional e os sujeitos envolvidos nesse processo. Contudo, há várias possibilidades de assuntos abordados no filme. Podemos citar dentre esses, o preconceito racial e social, relações sociais, afetivas e familiares. Além disso, destacamos um aspecto essencial retratado no filme que interessa sobremaneira a esse texto: a técnica da escrita.

Num trecho específico do referido filme, o mestre Forrester questiona Jamal: “Por que o que escrevemos para nós... é sempre melhor do que aquilo que escrevemos para os outros? [...] a

primeira versão você escreve com o coração; a segunda com a cabeça; o segredo para escrever? Escrever?” (SANT, 2000). Primeiro, escrever e não pensar, começar a sentir as próprias palavras, escrever para nós mesmos. Segundo, revisar a escrita, corrigir frases, erros ortográficos, tornar fluente a redação. William Forrester começa a ensinar Jamal estimulando-o a escrever, a sentir satisfação e gosto pela escrita e não pela obrigação de aprender.

No citado filme, Forrester representa o mestre, o orientador e conselheiro, instigando Jamal, seu aprendiz, a aperfeiçoar a escrita, estimulando-o ao crescimento intelectual e, além disso, protegendo-o diante das ameaças de uma sociedade preconceituosa e racista. Essa parte do filme em específico é, do ponto de vista didático, bastante interessante de ser trabalhada em sala de aula, tanto na abordagem da formulação do diário, como também da escrita como um todo. Isso porque problematizamos com nossos estudantes o quanto somos bloqueados, ao longo de nossa trajetória estudantil ao exercício da escrita.

A partir da exibição do filme e de posterior discussão, mostramos aos estudantes que, na verdade, partimos do seguinte: o professor propõe a escrita do diário de campo⁹ e, então, os estudantes tentam começar a escrita. Como? Primeiro pensam no que vão escrever, quem vão citar - principal preocupação discente. Segunda questão, os estagiários escrevem para o seu supervisor ler, o que também prejudica bastante o conjunto de detalhes do texto, já que partem do pressuposto de que seu supervisor já conhece sua realidade de estágio e que algumas informações são desnecessárias.

Nessa situação, os estagiários estão mais preocupados com a escrita e com sua relação teórico-prática do que com a vivência no seu campo de estágio. Paralelamente e a partir daí, estabelecem um bloqueio e uma censura com tudo o que escrevem; ao invés de usarem a sensibilidade, escutam o que sentem e escreverem, os

⁹ Na apreciação de Costa e Guindani (2012, p.266): “[...] o uso do diário de campo configura-se como uma metodologia que integra o processo de supervisão e pode ser usado como estratégia para preencher as lacunas existentes na formação profissional, melhorando o diálogo entre as instituições de ensino e de estágio e se transformando num canal de trocas de conhecimento entre alunos e supervisores”.

estudantes ponderam, pensam em quem vão citar e começa o martírio da “escrita bloqueada”, truncada. O diário começa, então, a ser o terror dos estagiários em Serviço Social porque esses estabelecem uma relação de obrigação pela escrita do diário de campo.

É interessante lembrar que essa relação de obrigação já vem legada desde os primeiros anos de escrita e também da leitura. Na universidade, essas fragilidades aparecem e se ampliam cada vez mais. Por isso, uma sugestão de escrita do diário de campo parte de um diálogo com os estudantes, tentando deixá-los à vontade no processo de escrita.

Para que o diário possa se transformar num importante instrumento de supervisão/avaliação do processo de aprendizagem da prática profissional em Serviço Social e também que as observações da supervisão de estágio feitas no diário de campo do estagiário sejam promissoras, pensamos conjuntamente com esse o quanto é importante nos sentirmos à vontade nessa escrita do diário de campo, de forma a sentirem-se livres para expressarem suas emoções, seus sentimentos aos primeiros contatos diretos com a prática de assistente social como profissionais em formação. Nisso é interessante discutir com os estudantes que há o despertar para a construção da identidade profissional, e esse desabrochar profissional precisa ter seu espaço de dúvidas, questionamentos, desconstrução, e a escrita do diário de campo tem lugar importante nesse processo que está sendo construído.

Outra questão saliente na escrita do diário é estabelecermos um acordo com os estagiários de maneira que esse não seja uma elaboração para o supervisor acadêmico¹⁰. O diário de campo precisa ser redigido para o leitor leigo e completamente ofuscado para que o escritor desse diário explique com detalhes tudo o que

¹⁰ Segundo Lima; Miotto e Dal Prá (2007, p.97): “Para as estudantes de Serviço Social, não é incomum que o registro no diário de campo seja efetivado parcial ou totalmente no momento que lhe é solicitado, abreviando assim a dinâmica processual tanto de análise como das situações atendidas, de planejamento de futuras ações profissionais junto à realidade dos sujeitos atendidos, de reflexão quanto à realidade social em que se encontram estes sujeitos e sua relação com o trabalho profissional desenvolvido num processo que possibilite a articulação teoria-prática e de reflexão dos fatores externos (macrossociais) e internos (microsociais) que interferem na intervenção específica no campo de estágio onde está inserida a estudante”.

descreve e possa conduzir o leitor da maneira mais nítida possível. Nossa experiência na docência como supervisores acadêmicos também tem demonstrado o quanto escrever para o supervisor acadêmico empobrece os detalhes vivenciados no campo de estágio e como é possível modificar isso na medida em que se estabelece um pacto diferente com o estudante, desde o início da elaboração dos primeiros diários.

O filme do diretor Richard Lagravenese, *Escritores da Liberdade*, narra a instigante história de adolescentes pobres, criados no meio dos mais variados tipos de violência, e a professora que oferece o que eles mais precisam, um olhar diferenciado, atento e uma voz própria. Quando vai ensinar numa escola corrompida pela violência e tensão racial, a professora Erin Gruwell se vê diante de um sistema educacional deficiente e passa a lutar para que a sala de aula faça a diferença na vida dos estudantes. A professora Erin começou a fazer algumas atividades com que os alunos se identificassem e pudessem ter maior interesse pelas aulas. Ela criou um projeto para que seus alunos lessem “*O Diário de Anne Frank*” e que, após a leitura, fizessem seu próprio diário, contando tudo que quisessem: seus sentimentos, pensamentos, o que já havia se passado na vida deles, o que sonhavam. Para tanto, oferece um caderno para que possam contar suas próprias histórias através da escrita do diário e que possam ouvir as dos outros. Ao ler os diários dos estudantes, a professora reforçou a ideia de não desistir deles. Depois que os estudantes leram o livro “*O Diário de Anne Frank*”, a professora solicitou que eles redigissem uma carta para a senhora que protegeu Anne Frank, convidando-a a visitar a escola. Os alunos ficaram impressionados com a ideia e arrecadaram fundos para pagar as despesas com a vinda da senhora à escola. A professora sugeriu aos alunos unirem suas histórias escritas e elaborarem um livro. Foi o que fizeram. O filme *Escritores da Liberdade* é baseado na obra *Diário dos Escritores da Liberdade*. Além disso, a professora Erin conseguiu fazer com que eles mudassem e respeitassem todos, independentemente da cor da pele, da origem étnica ou da religião.

Lima, no artigo intitulado *O filme “Escritores da Liberdade” e a função do pensamento em Hannah Arendt*, ressalta a importância dessa

obra filmica (2008, p. 1): “Porque é o único filme dessa categoria que incentiva os alunos a lerem literatura, ponto de partida para testar a vocação de cada um para escrever desde um diário sobre o cotidiano trágico de suas vidas até uma poesia *hip hop* ou um livro de ficção”. Além disso, é um filme que incentiva os alunos a escreverem no diário. No caso do estagiário em Serviço Social, o diário de campo é um instrumento de reflexão que instiga o estudante a escrever as atividades de modo que sistematize o que fez, com quem, quando, como e por quê. Em conformidade:

Pois é; escrever é isso aí: iniciar uma conversa com interlocutores invisíveis, imprevisíveis, virtuais apenas, sequer imaginados de carne e ossos, mas sempre ativamente presentes. Depois é espichar conversas e novos interlocutores surgem, entram na roda, puxam outros assuntos. (Marques 2006, p.15)

Na proposta Marques, em que nos instiga com sua provocante obra intitulada *Escrever é Preciso: o Princípio da Pesquisa*, precisamos nos reeducar para escrever. Dessa forma, também na elaboração do diário de campo, o estagiário precisa se reeducar para redigir o seu cotidiano no estágio, de modo a sistematizar a prática profissional. Cabe ainda ao estagiário tecer suas reflexões na busca pela identidade profissional (delimitação do espaço profissional e da apreensão da prática); além disso, constitui-se de instrumento preparatório para supervisão individual e também poderá ser um insumo que poderá resultar no Trabalho de Conclusão de Curso - TCC. Costa e Guindani (2012, p. 270) explicam que o diário de campo constitui-se de um registro de memórias de um trabalho profissional, pois:

O diário de campo é um instrumento que nos possibilita retornar a uma situação já passada e nela perceber determinações que constituem o presente. Também nos permite assimilar mais facilmente a continuidade de uma intervenção que está sendo ou já foi objeto de sistematização da intervenção profissional, colaborando com a memória profissional e com a qualificação das ações.

Nesse sentido, ao elaborar o diário de campo, o estagiário também cria um espaço para sistematizações e reflexões acerca das expressões da questão social, e isso lhe possibilita lançar mão de:

[...] um instrumental qualitativo que fornece dados empíricos e subsídios para a análise e reflexão da prática, e potencialmente pode ser transformado num espaço de mediações teórico-práticas e elaborações teóricas, isto é, num instrumento de pesquisa e investigação sobre o cotidiano profissional (COSTA e GUINDANI, 2012, p. 273).

Nessa perspectiva o diário de campo também pode ser um importante instrumento de pesquisa, pois possibilita resgatar os procedimentos investigativos utilizados na pesquisa nos diferentes espaços.

A respeito do diário de campo no estágio, é importante ao estagiário descrever os aspectos metodológicos realizados (instrumentos, técnicas, habilidades, atitudes); os aspectos teóricos (sua concepção de homem e de mundo); os aspectos éticos (quais foram as situações no campo de estágio que exigiram postura ética do estagiário). Além disso, é fundamental também abordar o sentimento do estagiário com relação às vivências no processo de ensino-aprendizagem e, por fim, sua indicação, análise e avaliação da ação realizada no estágio.

Em suma, o diário de campo constitui-se de um instrumento que possibilita ao estagiário o exercício de busca da identidade profissional, através de sucessivas aproximações críticas, proporcionando uma reflexão a respeito da ação profissional cotidiana, seus limites, desafios e possibilidades.

Considerações finais

Nesse texto tivemos por objetivo problematizar a leitura e a escrita, abordando, para tanto, a importância do diário de campo na formação profissional do assistente social. Pretendemos discorrer sobre algumas sugestões, tratadas didaticamente através de dois filmes trabalhados em sala de aula os quais abordam escrita e

leitura: *Encontrando Forrester*, do diretor Gus Van Sant, e *Escritores da Liberdade*, de Richard Lagravenese, subsídios importantes para despertar o gosto pela leitura e o prazer pela escrita. Não tivemos como pretensão apresentar uma reflexão aprofundada sobre o diário de campo; antes disso, intentamos trazer dados de realidade vivenciados na docência universitária e alguns caminhos possíveis para vencer o bloqueio da escrita.

Sabemos, evidentemente, que as dificuldades com a leitura e interpretação de textos acadêmicos, bem como as fragilidades com a escrita têm origens e fatores diversos que vêm desde os primeiros anos escolares. Contudo, também acreditamos que o ser humano é capaz de processos de superação extraordinários que, por vezes, nem mesmo sabe desse potencial.

Ora, como assistentes sociais, atuando com formação profissional, precisamos investir nos nossos acadêmicos, trabalhar processos de superação, construir estratégias em que seja possível superar expectativas; em outros termos, “Uma formação substantiva de profissionais requer o desenvolvimento de processos que ultrapassem a lógica do mercado de trabalho, sem deixar de contemplar suas exigências”. (PRATES, 2013, p.01).

Portanto, precisamos formar profissionais instigados para o desenvolvimento não só da razão, mas também da sensibilidade, conforme nos ensina Prates. Assim, estarão preparados à construção de um texto acadêmico que possam, parafraseando Perrota, chamar de “seu”, no sentido de nos referir a uma escrita investida da personalidade do seu escritor, de sua marca pessoal. Como assistentes sociais, fazemos parte de uma profissão que trabalha com a escuta sensível, com a fala, com a leitura e com a escrita; portanto, é fundamental que possamos nos sentir à vontade fazendo aquilo que tanto nossa profissão nos exige.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL –ABEPSS. Proposta básica para o projeto de

formação profissional. In: O SERVIÇO Social no Século XXI. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, ano 17, n. 50, p. 143-171, abr. 1996.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Código de Ética Profissional**. Resolução CFESS nº 273/93, de 13 de março de 1993. Institui o Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais e dá outras providências. Brasília, mar. 1993a.

_____. Lei nº. 8.662/9, de 7 de junho de 1993. **Lei da Regulamentação da Profissão**. Dispõe sobre a profissão de Assistente Social e dá outras providências. Brasília, 1993b.

COSTA, Joyce Vieira da; GUINDANI, Miriam Krenzinger. **Didática e pedagogia do diário de campo na formação do assistente social**. In: Revista Virtual Emancipação, Ponta Grossa, 12(2): 265-278, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao>>. Acesso em 28/07/2013.

FRAGA, Cristina Kologeski. **A atitude investigativa no trabalho do assistente social**. In: Revista Serviço Social & Sociedade, no. 101. São Paulo: Cortez, 2010. P.40.64.

FRAGA, Cristina Kologeski, KOCOUREK, Sheila, Goerck, Caroline. **Retrospectiva dos 70 Anos de Serviço Social no Brasil**: desafios e perspectivas na atualidade. In: 12º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais e 4º Encontro Nacional de Serviço Social e Seguridade. Foz do Iguaçu, 2007.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: Em três artigos que se completam. - 51ª. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Tradução de Eric Nepomuceno. – Porto Alegre: L&PM, 1991.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional.** São Paulo: Cortez, 1998.

LAGRAVENESE, Richard. **Escritores da liberdade** (Original: *Freedom Writers*) País: EUA/Alemanha, 2007. Duração: 123 min.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso; DAL PRÁ, Keli Regina. **A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo.** In: Revista Textos & Contextos. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 93-104. jan./jun. 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/1048>.

Acesso em: 28 de fev de 2015.

LIMA, Raymundo de. **O filme “Escritores da Liberdade” e a função do pensamento em Hannah Arendt.** In: Revista Espaço Acadêmico, nº 82, março de 2008. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/082/82lima.htm>. Acesso em: 18/09/2012.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARQUES, Mário Osório. **Escrever é Preciso: O Princípio da Pesquisa.** 5ª Edição revisada. Ijuí – RS / Brasília - DF: Ed. Unijuí e Inep, 2006.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer Pesquisa Qualitativa.** 3ª. Ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

PERROTA, Cláudia. **Um texto para chamar de seu:** Preliminares sobre a produção do texto acadêmico. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PIMENTEL, Lucila da Silveira. **Educação e cinema:** dialogando para a formação de poetas. São Paulo: Cortez, 2011.

PRATES, Jane Cruz. **A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social.** In: Revista Textos & Contextos. Porto Alegre, v. 6, n. 2 jul./dez. 2007. P. 221-232.

_____. **Formar para além do mercado de trabalho e para o uso substantivo do instrumental de trabalho.** In: Textos & Contextos: Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 01-06, jan./jun. 2013.

SANT, Gus Van. **Encontrando Forrester** (Filme). Distribuição: Columbia Pictures/Sony Pictures Entertainment. EUA, 2000. (135 min).

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica:** A construção do conhecimento. - 7 ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SILVA, Maria Dulce. “O estágio na formação profissional: elementos para análise.” **Rev. Serviço Social & Sociedade.** (São Paulo) nº 45, p. 147-155. 1994.

TURCK, Maria da Graça Maurer Gomes. **Processo de trabalho do Assistente Social: elaboração de documentação – implementação e aplicabilidade.** Porto Alegre, 2.ed. 2007.

Recebido em 18/10/2014
e aceito em 10/03/2015.

Resumo: *o artigo aporta reflexões sobre os objetivos e contribuições do diário de campo no processo de sistematização da experiência de estágio supervisionado em Serviço Social, tendo como ênfase o papel da leitura, da interpretação e da escrita na formação profissional em Serviço Social. Para tanto, a sugestão é o uso de filmes como um recurso metodológico para estimular a interpretação e a escrita dos estudantes de Serviço Social, a ser materializada no diário de campo, uma vez que a arte cinematográfica pode ser um instrumento pedagógico capaz de aguçar a sensibilidade de modo a despertar o gosto pela leitura e o prazer pela escrita no espaço acadêmico.*

Palavras-chave: *Diário de Campo. Leitura. Escrita. Formação Profissional. Estágio Supervisionado em Serviço Social.*

Title: *The Field Journal In The Process Of Systematization Of Supervised Traineeship Experience In Social Service: Objectives And Contributions.*

Abstract: *the article cover reflexions about the objectives and contributions of the Field journal in the process of systematization of supervised traineeship experience in Social Service, having focus in the role of the reading, the interpretation and the writing in the Professional formation in Social Service. For this purpose, the suggestion is the use of movies as a methodological resource to stimulate the interpretation and the writing of the Social Service students, to be materialized in the Field journal, once the cinematographic art can be a pedagogic instrument capable of sharpen the sensibility to raise the taste for the reading and the pleasure for the writing in the academic area.*

Key words: *Field Journal; Reading; Writing. Professional Formation; Supervised Traineeship in Social Service.*
